

MOINHOS DE VENTO

Cá está finalmente o livro que me faltava à estante. Tratei-o como as crianças ao creme da sobremesa; não obstante acabou – tanto é certo que tudo se acaba neste mundo, menos talvez, a eternidade e o Código Civil.

Duas espécies há de livros, os de leitura compulsória e os de leitura voluntária. Àqueles voamos-lhes sobre as páginas, como gato dor brasas [?]. Eu já *li* um romance de trezentas páginas em trinta minutos, no bonde, que é lugar habitual desses sacrifícios. Contanto certa vez essa proeza como um *record*, um engenheiro me atalhou, afirmando que não apenas lera, mas estudara todo o seu curso, inclusive as quatro operações fundamentais, em vinte e cinco minutos (na Universidade Escolar Internacional). É claro que não aplico esse processo às obras que me são oferecidas pelos autores. A essas eu as leio sempre, ou com os olhos ou com a atenção.

A segunda categoria é composta das obras que lemos por gosto. Nesta classe rara se inscreve o livro inimitável de Bastos Tigre (D. Xiquete) “Moinhos de vento”. Li-o como já disse, por prestações, mas tão mal calculadas que em três ele se esgotou. O erro foi devido ao aspecto do volume que, aparentando seiscentas páginas, não conta mais de trezentas e uma. Mas que fazer? A brevidade é uma contingência fatal das cousas boas. Há neste mundo cousas melhores e mais custas, ex.: a alegria do político entre o convite para ministro e a nomeação... do outro.

Sempre tive muita admiração por Bastos Tigre desde que ele começou a ganhar notoriedade no *Correio da manhã*. Eu estranhava encontrar um poeta que tomando palavras comuns, usadas por nós todos, as manipulava com uma correção muito rara, infundindo-lhes uma “verve”; um *humour* que me parecia incompatível com a nossa raça, a nossa temperatura é nosso câmbio. Admirava-o mas não o conhecia. Uma tarde estava funcionando a redação da *Careta*. Debruçado a uma mesa. Mário Behring elaborava uma daquelas “Cartas parlamentares”, espirituoso glossário das asneiras do Congresso, num humorismo fino e erudito que causava o desespero das vítimas. Escrevia com a mão esquerda na frente, inclinado sobre o papel, na atitude tristonha de um tenente alemão a pensar na vida, com o bigode desmontado, após um concurso de “chopps” de três dias e três noites. Ao lado de Leal de Souza, de cenho carregado, concentrava, uma última cupelação uma daquelas quadrinhas explosivas que, arrebatando no sábado, na Avenida, vão danificar a vítima na Tijuca ou mais longe que ela esteja. Em outra mesa eu, com esta minha perpétua fisionomia, de quem perdeu o guarda-chuva há dez minutos, procurava extrair dos arcanos da memória menos prestimosos, na realidade, do que os descreve Santo Agostinho, algum episódio ou historieta divertida. Senão quando entra ruidosamente Bastos Tigre, como o não menos ruidoso Schmidt, e fomo-nos apresentados. Bastos Tigre apertou-me a mão, disse que estimava ou não estimava conhecer-me (não me lembra bem agora) e encetou uma palestra jovial durante a qual, a pedido, se dispôs a escrever a sua última pilhéria, tão prazenteira e alegremente como se estivesse compondo o necrológico de um tio único, morto rico e “ab-intestato”.

Pouco depois Tigre entrou para a *Careta* onde, na qualidade de colaboradores da mesma revista, raramente nos encontramos. Tenho, pois, perfeita isenção para tratar dos *Moinhos de vento*, tanto mais quanto minha opinião é comodamente uniforme com a de todos que a tem manifestado.

Há um gênero de poesia de efeito humorístico seguro, a que os franceses chamam “phebus” ou “galimatias”, os ingleses “nonsense” e nós “soneto”. Consiste em enfileirar palavras sob fiscalização da sintaxe, formando o que se chamam “versos”; medir cautelosamente cada um destes pelo sistema métrico (os bretões medem-nos às vezes pelo sistema quilométrico), e expô-los ao mercado, avulsos ou condicionados, em volume. Desses gênero em que se tem produzido

obras primas a maioria dos nossos poetas (menos o que me estiver lendo – porque não gosto de fazer elogios de frente) não se encontra nem um espécime nos *Moinhos de vento* que, apesar disso, são a melhor coleção de versos humorísticos ainda publicada em português. Gregório de Matos, Bocage e Tolentino deixaram, betando as sátiras, trechos de verdadeiro humorismo. Mas nos poetas hervi-cômicos, epigramáticos, satíricos e outros pseudo-humoristas, que formam legião não há *humour* nem traços. Podem os críticos oficiais encontrar neles a essência da comédia; eu, mesmo, transportando-me à sua época e ao seu meio, de intrigas de convento e pitadas de rapé, não percebo senão sensaborias.

Mas Bastos Tigre é um humorismo e ao mesmo tempo um poeta – um fino, inspirado e correto poeta. Quando ele perder o “fígado perfeito” e o “estômago excelente” com que afronta a dispepsia pública no seu belo soneto de abertura: *Credenciais*; quando esses dois órgãos fundamentais soçobrarem (e para isso bastam três meses de carestia de vida ou um de fritadas). Bastos Tigre ficará sendo ainda um poeta parnasiano da primeira linha. Formará ombro a ombro com Raimundo. Correia, se é que ele não tem medo dos mortos; que dos vivos tenho eu e por isso os não cito. *Genus irritabile vatum*, disse Horácio; e ele sabia porque.

O segredo da perfeição dos seus versos ele o desvenda no soneto *Artifícios d’arte*:

Traço um leve bosquejo, um breve ensaio – escorço
Sobre o qual suo e anseio e alma inteira extravaso;
E cato a rima, e busco o efeito, e a frase torço

Mas sou tal como quem, pondo flores num vaso,
Emprega todo o amor, todo o cuidado e esforço
Para mostrar que o fez assim por mero acaso.

Mas se eu fosse transcrever do livro o melhor, teria de copiar aqui duzentas páginas. Citares apenas títulos dos *primi inter pares*; *Zodíaco passionai*; *Dentes*; *Casamento por amor*; o primoroso soneto *Relíquias*; *Papeis velhos*; *Vida nova*; *A boneca*, tocante historietta de Natal que eu poderia transcrever, porque sei de cor, mas falta-me o espaço; *Cinzas*; *Dramalhão*; *A semana do boêmio*; *A um plúmifivo*; que ele deplora nestes versos sinceros:

Li teus versos. Bem bons. De um real talento
São decisiva prova a forma e o fundo.
Mas, meu amigo, como eu te lamento
Vendo-te assim, tão moço e tão fecundo!...

Resposta a um amigo; a joia que tem por título *Panteísmo*; o monólogo *Menina e moça*; *O aeroplano* que

É tal uma águia que caminha
Num pátio, num quintal,
Entre um peru e uma galinha,
No passo mole e desigual
De um soldado da guarda nacional...

Surdina à chuva, durante a qual eu (isto é – ele)

Não escrevo nem leio;
E enquanto a chuva cai, deixo-me alheio
À vida, ir pelo mundo astral da fantasia

Edifico no ar castelos de ouro;
Fundo uma companhia
Para salva a Pátria e esgotar o Tesouro.

Mal discreto, perfeita paródia do primeiro soneto da nossa língua; *Retratção*... Enfim, quem quiser a lista das boas composições dos “Moinhos de vento” leia o índice, onde vem o rol das melhores que são todas.

Quem, para corrigir o mau funcionamento do fígado, tem de andar recorrendo a livros de bom humor estrangeiros, na falta de similares de produção nacional, que agradeça a Bastos Tigre a publicação dos “Moinhos de vento”. Eu, por mim, lh’a agradeço como um serviço pessoal, que desejo retribuir. E se não pagar neste mundo, pagarei no outro – que é, em gera, onde são pagos os poetas.

R. Manso